

Qual o futuro da Contabilidade na nova economia?

José Carlos Marion*
Aílberbal Nicolas Müller**

Atualmente assistimos a um crescente aumento do número de palestras, seminários e discussões sobre a Contabilidade Brasileira diante desse desafiador tema da globalização.

Muito se fala sobre a necessidade de padronização dos princípios e normas contábeis em nível internacional. Fala-se sobre o IASB (International Accounting Standards Board), o Organismo de Normas Contábeis Internacionais, sediado no Reino Unido, e de seus esforços nessa harmonização ao redor do mundo. A União Europeia, numa conferência em Bruxelas em 1990, aderiu ao IASB (nominado como IASC até março de 2001), delegando a este organismo a exclusividade das iniciativas em busca da uniformização contábil e mantendo uma estreita relação com o organismo internacional.

Quase sempre são feitas incursões abrangendo a OMC (Organização Mundial do Comércio), que está procurando globalizar profissões, tendo como primeiro objetivo a Contabilidade. Nesse caso, os Contadores daqui poderiam trabalhar nas subsidiárias brasileiras em outros países e vice-versa. Em parte, a reserva de mercado dessa profissão tão fortemente defendida sofreria o seu primeiro abalo.

Debate-se sobre o Mercosul, onde há tantas diferenças entre os quatro países participantes quanto aos princípios e normas contábeis. Somente esta abordagem poderia gerar um "paper" extenso.

Os debates caminham rápido em direção às nossas empresas, que sonham lançar seus Valores Mobiliários nos Estados Unidos, como outras tantas já o fizeram. Empresas brasileiras têm se empenhado com a possibilidade de acessar o excelente mercado de capitais dos Estados Unidos através dos ADRs (American Depositary Receipts - Recibos de Depósito Americano). Para isso, os relatórios contábeis precisam estar de acordo com os Princípios Contábeis Geralmente Aceitos nos Estados Unidos (USGAAP - United States Generally Accepted Accounting Principles).

Todos esses assuntos são fascinantes.

A ONU (Organização das Nações Unidas), por sua vez, dispõe de um centro de estudos contábeis para empresas transnacionais, compondo um grupo de "experts" em Contabilidade que inclui excelentes profissionais brasileiros. Assim, é estimulante falar sobre ISAR (International Standards of Accounting and Reporting) e o que este grupo intergovernamental de "experts" na ONU tem discutido.

Assuntos sobre a Nova Economia, a contabilização dos Intangíveis, o Capital Intelectual, o Goodwill, o Valor Econômico de uma empresa, os novos métodos de avaliação, etc., são tratados calorosamente, principalmente nos meios acadêmicos, tanto no Brasil como em outros países.

Mas, repentinamente, todos esses pensamentos são ofuscados por um lapso de raciocínio, que nos leva a uma realidade inegável e inadiável, a necessidade de "arrumar a casa" em relação à nossa Contabilidade doméstica, para, num passo seguinte, falarmos em globalização.

É importante deixar claro que temos um excelente contingente de profissionais contábeis que representam (ou re-

presentaram) o Brasil junto à IFAC (International Federation of Accountants), a Federação Internacional de Contadores, junto ao IASB, a ONU e a outros organismos internacionais, com um magnífico desempenho, o que nos deixa orgulhosos (é bom lembrar que o nosso "pacote" sobre Correção Monetária Integral foi recomendado pela ONU para os países com hiperinflação).

Não podemos negligenciar a proposta da reformulação da Lei das Sociedades por Ações, cumprida pela Lei 10.303/2001, onde encontramos um excelente produto, fruto de estudos profundos da CVM (Comissão de Valores Mobiliários), em conjunto com a classe contábil brasileira. Novas alterações devem surgir, ainda, decorrentes desses estudos e de novos anteprojetos que circulam nas salas do governo.

É fundamental ressaltarmos também que, ao contrário de uma Contabilidade Técnica, estamos muito avançados em relação à nossa Contabilidade Prática, com o dia-a-dia contábil, principalmente no grande universo de usuários da Contabilidade, que é o de micro e pequenas empresas. Temos, no Brasil, um universo de mais de 80% de empresas que se enquadram como micro e pequenas empresas.

Quando pensamos que essa prática contábil é constituída de quase 55 mil escritórios de Contabilidade em todo o país, que prestam serviços a essa grande massa de usuários, e que tais serviços quase sempre têm muito pouco de contábil, mas muito mais de "despachante" (serviços burocráticos, guias, obrigações fiscais, etc.), temos o ímpeto de enfatizar os objetivos e a importância da Contabilidade para a nossa realidade, que parece ser mais prioritária do que ter o foco nos padrões globais da economia.

Resta-nos, neste momento, fazer uma

análise de que é uma empresa atual:

- Seria a empresa da nova economia?

- Seria a empresa dentro da economia globalizada?

- Seria a realidade de quase vinte milhões de empresas operando no Brasil?

Parece-nos que todas estas são empresas contemporâneas, empresas que são os sustentáculos da nossa economia. Se há, todavia, um pecado nos eventos que reúnem os profissionais contábeis no Brasil, é a pouca ênfase que se dá à Contabilidade das micro e pequenas empresas.

Reportagens como a publicada na *Revista Exame*, por Mikhail Lopes, que mostram as diferenças entre o valor de mercado da empresa e o valor contábil, nos deixam perplexos. Ficamos atônitos quando lemos: "A discrepância maior nas empresas da Nova Economia ocorre por um motivo simples: os ativos mais importantes delas não são fábricas ou máquinas, declaradas como patrimônio no balanço. São marcas, clientes ou as tecnologias que se desenvolvem. Eles são ativos conhecidos como intangíveis. De acordo com os critérios tradicionais, uma marca ou um software não podem ser contabilizados como ativos. Não existem contabilmente, mas têm grande valor de mercado. Eis o grande problema da contabilidade convencional aplicada a empresas no intangível: como registrar no balanço aquilo que o mercado mais valoriza?" E muitas outras críticas são encontradas neste artigo cujo título é: "Por que as contas não fecham". Recentemente, em outra publicação na *Revista Exame*, Mikhail Lopes volta a enfatizar que "Hoje, a diferença entre o valor de mercado e o contábil das empresas é bem maior", citando em destaque a dúvida: "como tomar decisões sem informações precisas sobre o valor da empresa?"

Há aqueles que criticam a Contabilidade em relação às suas normas. A Contabilidade deve registrar Pesquisas e Desenvolvimento como despesas e não como Ativo, levando a resultados discutíveis. Um exemplo é o caso da Amazon.com: se os gastos institucionais de propaganda e publicidade fossem lançados com Ativo, a empresa teria gerado lucro em seus resultados, em vez de sucessivos prejuízos.

Até mesmo Joelmir Beting, em sua coluna no *Jornal O Estado de São Paulo*, estimula a necessidade da globalização da Contabilidade dizendo: "a demanda de transparência contábil dos governos e das empresas, exigência que se alastra pelos condutos da economia globalizada, deixou de ser assunto hermético de profissionais entristidos. Virou cobrança para a transformação ética da economia e para a restauração moral da sociedade. Movimento que já coloca no cadafalso até mesmo o instituto sacralizado do século bancário".

É lamentável que a participação do Contador, no Brasil, quase sempre se resume à escrituração contábil com finalidade fiscal. Temos, notoriamente, uma cultura de sonegação. Talvez porque nossa carga tributária alcance 1/3 do PIB. Infelizmente é quase sempre nesse sentido que os profissionais da área são procurados por seus clientes para orientações. Deveríamos atuar no planejamento tributário, nas análises conjunturais e de mercado, nas decisões financeiras das empresas. A *Revista FENACON*, da Federação Nacional das Empresas de Serviços Contábeis, incentiva as empresas de Contabilidade a participarem das decisões financeiras de seus clientes, orientando e prestando informações que possam auxiliar no gerenciamento das empresas. Essa foi uma das principais constatações apresentadas em uma pes-

quisa (projeto-piloto) encomendada pela FENACON ao Instituto DATAINFO, com o objetivo de avaliar os serviços prestados pelos escritórios contábeis no Estado do Paraná. Foram entrevistadas 901 empresas paranaenses que contratam serviços contábeis em 35 cidades espalhadas por cinco regiões do Estado. O trabalho mostra várias sugestões apresentadas pelos clientes para a melhoria dos serviços contábeis. Oitenta por cento delas estão ligadas à necessidade de mais informações. Os entrevistados também pediram maior participação dos escritórios de Contabilidade na administração financeira das empresas. Outras sugestões apontam para a maior rapidez dos serviços contábeis.

Será que a Contabilidade não está cumprindo o seu papel social? Imaginamos três boas causas para essa disfunção:

- 1) Perfil inadequado dos pequenos empresários;
- 2) Perfil inadequado dos serviços contábeis;
- 3) Cultura brasileira de sonegação.

Num artigo sobre as razões da mortalidade das empresas, é apontado como erro do empreendedor novato o fato de "delegar ao contador ações que seriam de sua competência. Por deficiência gerencial ou desconhecimento do mercado, essas delegações redundam em fracasso, mesmo porque a atividade do contador é mais de retaguarda que de linha de frente". Parece-nos, aqui, uma acusação leviana, lamentavelmente comum no mercado financeiro.

No livro *Prova pericial contábil*, os autores tratam do Balanço Ajustado para apuração de haveres em processos litigiosos e citam que "o Judiciário está convencido da mentira que representam as demonstrações financeiras, Lei 6.404/76, e determina avaliações mais realistas". Realmente é muito comum a elabo-

ração de Balanços Especiais, ignorando-se em processos judiciais as demonstrações contábeis assinadas e registradas pelos contadores e empresários.

Outro ponto fundamental a ser lamentado diz respeito à despreocupação dos profissionais da Contabilidade na participação em eventos. Congressos, seminários, simposios, conferências, ciclos de estudo, convenções e fóruns acontecem a todo momento em todo o país. Observamos a participação de alguns, respeitadas nomes nacionais, quase sempre nestes eventos. E onde estão os quase 350.000 profissionais contabilistas do Brasil? A participação aqui, entenda-se, engloba não somente a presença como ouvinte, mas também a participação ativa na apresentação de trabalhos, em palestras e nos debates. A impressão que nos dá é que alguém que não expõe suas idéias parece recluir a falta de conhecimento ou o despreparo para a interlocução. Os contabilistas não podem temer o ato de falar em público. Devem sim preparar-se para tal, até mesmo dada a sua demanda na presença de clientes e em reuniões. O editorial do *Boletim do IBRACON*, intitulado Mobilização Profissional, inicia um comentário dizendo que: "os contadores, no Brasil, precisam modificar, urgentemente, o seu comportamento e atuação no contexto da vida nacional. A característica primordial que a nossa classe apresenta é a de ser composta por profissionais introvertidos, acanhados, e, por que não dizê-lo?, avessos a qualquer projeção ou exposição maior". É intrigante que os cursos de Ciências Contábeis em todo o país quase sempre negligenciem a matéria de Marketing dentro de seus planos de ensino. É bastante difícil encontrar um programa que contemple noções de marketing como conteúdo obrigatório. Como o Contador venderá seus serviços, então?

É lamentável que a participação do Contador, no Brasil, quase sempre se resume à escrituração contábil com finalidade fiscal. Temos, notoriamente, uma cultura de sonegação. Talvez porque nossa carga tributária alcance 1/3 do PIB. Infelizmente é quase sempre nesse sentido que os profissionais da área são procurados por seus clientes para orientações.

Pensemos ainda na falta de oportunidades e na difícil busca do conhecimento contábil. Como deve ser o perfil de nosso profissional em termos de titulação e de educação continuada. Temos no Brasil apenas 7 cursos de mestrado e apenas um único doutorado dentro da área contábil, devidamente reconhecidos pela CAPES, entidade que regulamenta tais tipos de curso. Pensemos um pouco mais sobre a educação continuada, pois é um importante passo a ser seguido para a busca da competitividade em um mercado internacionalizado. É nossa responsabilidade, é responsabilidade pessoal de cada um, a procura incessante de conhecimento, para que possamos contribuir devidamente com a sociedade e alcancemos o merecido respeito. O contador Dr. Olívio Koliver, em artigo na *Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul*, traça linhas-mestras na caracterização da competência dos profissionais da área e atributos para sua

aquisição, citando que "a educação continuada constitui corolário natural do Exame de Competência e, via de consequência, somente tem sentido se for de caráter compulsório".

Os índices de mortalidade empresarial são passíveis até mesmo de indignação. Estatísticas, como as apresentadas pelo SEBRAE, mostram números realmente assustadores. Mais de 70% das empresas fecham antes mesmo de completarem 5 anos de atividade. Em países desenvolvidos esse número representa empresas que mantêm suas atividades continuamente. Qual o papel da Contabilidade nesse processo? Será que temos alguma culpa nesse índice de mortalidade, por não participarmos ativamente dos processos decisórios? Onde está nossa responsabilidade?

Em artigo intitulado "Responsabilidade social dos contabilistas", no informativo *DELECON*, há referência a uma pesquisa efetuada em sessenta empresas de porte do País, da qual participaram cerca de duzentos operários. Uma das conclusões daquela pesquisa é muito triste e preocupante, exigindo não apenas uma conscientização mas a tomada de uma posição de cada profissional da área contábil. Eis a referida conclusão: **"O trabalhador é cético com relação aos resultados econômicos que a empresa divulga. Apenas a metade acredita neles"**. O artigo conclui: "se tudo indica que estamos adotando, e tendemos a adotar, participação dos empregados nos resultados da empresa, estamos partindo para esta jornada, posto que a parte mais interessada – os empregados – não acredita nas demonstrações, nos resultados apresentados por sua empresa". Na publicação mensal *CRC-SP em Notícias*, o presidente daquela casa ressalta: "A responsabilidade do contabilista é de tal monta que ele assi-

na esses demonstrativos e, com essa assinatura, está afirmando, publicamente, que as informações são verdadeiras. Ora, como é possível, então, que muitas vezes os próprios empregados da empresa não acreditem na veracidade dessas informações? Temos que encontrar respostas corretas para esta indagação e tudo fazer para resolver o problema. Uma das causas dessa situação é o fato de o contabilista não se comunicar com os gerentes, chefes e responsáveis das várias áreas da empresa. Fecha-se na Controladoria ou na Contabilidade – que nome venha a ter a sua área na empresa em que preste serviços – e se converte numa figura obscura e, sabemos, quem não vende seu peixe não pode esperar que os outros o compreem, ou o aceitem, espontaneamente".

Identificamos, então, alguns desafios para a profissão:

- Marketing Contábil;
- Globalização da Contabilidade;
- Postura diante da Nova Economia;
- Novos Padrões Contábeis.

Nessas publicações diferentes, de órgãos de classes e de profissionais absolutamente sérios, entre muitas outras, podemos constatar pontos profundamente preocupantes, e que nos levam obrigatoriamente a olhar criticamente para a nossa profissão no Brasil. Levamos a buscar um melhor autoconhecimento. Levam-nos a responder perguntas como: Quem somos nós? O que fazemos? Para onde estamos indo? O que estamos agregando de valor para os nossos usuários? Nesse nível, como podemos entrar nos novos cenários?

Esses são alguns desafios dos nossos dias, desde a pequena empresa até os grandes problemas contábeis. Você está convidado a trilhar esses novos caminhos. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETING, Joelma. "Um blecaute contábil". *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25/09/1999.
- Boletim do IBRACON*, Artigo assinado pelo presidente, Sr. Fernando Carneiro da Motta. São Paulo, n. 229, ano XIX, p. 2, jun. 1997.
- CRC-SP em Notícias*, Artigo assinado pelo presidente, Sr. Vinícius de Mota. São Paulo, n. 32, ano III, mar. 1998.
- DELECON* – Informativo do CRC. Artigo de Arnanio Carlos Cavallero. São Paulo, p. 9, mai. 1997.
- KOUVER, Diogo. "A certificação do contador público: uma condição para o acesso ao mundo globalizado". *Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 106, abr. 2002.
- LANA, Márcio. "As razões da mortalidade das pequenas empresas". *Amor & Gazeta Mercantil*, São Paulo, 18/02/2000.
- LOPES, Márcio. "Por que as contas não fecham?". *Revista Gestão*, São Paulo, v. 714, n. 11, p. 142-145, mar. 2000.
- LOPES, Márcio. "Balanço de idéias". *Revista Exame*, São Paulo, ed. 766, n. 10, edição especial, p. 6-13, mai. 2002.
- Revista FERRACON*, São Paulo, vol. 29, ano III, fev. 1998.
- ZAPPA HODG, Wilson A., PETRENCIO, Solange A. *Praxi Perícia Contábil*. Curitiba: Imaob, 2001.



* José Carlos Marion – Professor Universitário da FEA/USP e do mestrado da PUC-SP. Autor de diversas obras na área contábil publicadas pela Editora Atlas. Doutor em Contabilidade e Controladoria pela USP.



* Aderbal Nicolas Müller – Professor Universitário, Contador, Doutorando pela UFSC, Coordenador do Curso de Ciências Contábeis da FAE Business School, em Curitiba/PR.